



A Santa Sé

ESTAÇÃO E PROCISSÃO PENITENCIAL
DA IGREJA DE SANTO ANSELMO
À BASÍLICA DE SANTA SABINA NA COLINA DO AVENTINO

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica de Santa Sabina
Quarta-feira de Cinzas, 17 de Fevereiro de 2010

Imagens da celebração

"Tendes compaixão de todos, Senhor...
Não aborreceis nada do que fizestes...
não olhais para os pecados dos homens a fim de os trazer à penitência...
Mas perdoais a todos, porque todos são vossos,
ó Senhor nosso Deus" (*Antífona da entrada*).

Venerados Irmãos no Episcopado

Queridos irmãos e irmãs

Com esta comovedora invocação, tirada do *Livro da Sabedoria* (cf. 11, 23-26), a liturgia introduz a celebração eucarística da Quarta-Feira de Cinzas. São palavras que, de certa forma, abrem todo o itinerário quaresmal, pondo como seu fundamento a onnipotência do amor de Deus, o seu absoluto senhorio sobre todas as criaturas, que se traduz em indulgência infinita, animada por constante e universal vontade de vida. De facto, perdoar alguém equivale a dizer-lhe: não quero que tu morras, mas que vivas; desejo sempre e só o teu bem.

Esta certeza absoluta apoiou Jesus durante os quarenta dias transcorridos no deserto da Judeia, depois do baptismo recebido de João no Jordão. Aquele longo tempo de silêncio e de jejum foi para Ele um abandonar-se completamente ao Pai e ao seu desígnio de amor; foi ele mesmo um "baptismo", isto é, uma "imersão" na sua vontade, e neste sentido uma antecipação da Paixão e

da Cruz. Adentrar-se no deserto e permanecer nele por muito tempo, sozinho, significava expor-se voluntariamente aos assaltos do inimigo, o tentador que fez cair Adão e por cuja inveja a morte entrou no mundo (cf. *Sb* 2, 24); significava travar com ele a batalha em campo aberto, desafiá-lo sem outras armas a não ser a confiança ilimitada no amor onipotente do Pai. Basta-me o teu amor, alimento-me com a tua vontade (cf. *Jo* 4, 34): esta convicção habitava na mente e no coração de Jesus durante aquela sua "quaresma". Não foi um acto de orgulho, um empreendimento titânico, mas uma escolha de humildade, coerente com a Encarnação e com o baptismo no Jordão, em continuidade com a obediência ao amor misericordioso do Pai, que "amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único" (*Jo* 3, 16).

O Senhor Jesus fez tudo isto por nós. Fê-lo para nos salvar, e ao mesmo tempo para nos mostrar o caminho para o seguir. De facto, a salvação é dom, é graça de Deus, mas para fazer efeito na minha existência exige o meu consentimento, um acolhimento demonstrado nos factos, ou seja, na vontade de viver como Jesus, de caminhar atrás d'Ele. Seguir Jesus no deserto quaresmal é por conseguinte condição necessária para participar na sua Páscoa, no seu "êxodo". Adão foi afastado do Paraíso terrestre, símbolo da comunhão com Deus; agora, para voltar a esta comunhão e portanto à verdadeira vida, a vida eterna, é preciso atravessar o deserto, a prova da fé. Não sozinhos, mas com Jesus! Ele – como sempre – precedeu-nos e já venceu o combate contra o espírito do mal. Eis o sentido da Quaresma, tempo litúrgico que todos os anos nos convida a renovar a opção de seguir Cristo pelo caminho da humildade para participar na sua vitória sobre o pecado e sobre a morte.

Nesta perspectiva, compreende-se também o sinal penitencial das Cinzas, que são impostas sobre a cabeça de quantos iniciam com boa vontade o itinerário quaresmal. Essencialmente é um gesto de humildade, que significa: reconheço-me por aquilo que sou, uma criatura frágil, feita de terra e destinada à terra, mas também feita à imagem de Deus e destinada a Ele. Pó, sim, mas amado, plasmado pelo seu amor, animado pelo seu sopro vital, capaz de reconhecer a sua voz e de lhe responder; livre e, por isto, também capaz de lhe desobedecer, cedendo à tentação do orgulho e da auto-suficiência. Eis o pecado, doença mortal que muito depressa começou a poluir a terra abençoada que é o ser humano. Criado à imagem do Santo e do Justo, o homem perdeu a própria inocência e agora só pode voltar a ser justo graças à justiça de Deus, a justiça do amor que – como escreve São Paulo – "se manifesta por meio da fé em Cristo" (*Rm* 3, 22). Inspirei-me nestas palavras do Apóstolo para a minha Mensagem, dirigida a todos os fiéis por ocasião desta Quaresma: uma reflexão sobre o tema da justiça à luz das Sagradas Escrituras e do seu cumprimento em Cristo.

Também nas leituras bíblicas da Quarta-Feira de Cinzas está muito presente o tema da justiça. Em primeiro lugar, a página do profeta Joel e o Salmo responsorial – o *Miserere* – formam um díptico penitencial, que evidencia como na origem de cada injustiça material e social existe aquilo que a Bíblia denomina "iniquidade", ou seja o pecado, que consiste fundamentalmente numa desobediência a Deus, quer dizer, numa falta de amor. "Reconheço – confessa o Salmista – de

verdade as minhas culpas / o meu pecado está sempre diante de mim. / Contra Vós apenas é que eu pequei / pratiquei o mal perante os vossos olhos" (*Sl* 50 [51] 5-6). Portanto, o primeiro acto de justiça consiste em reconhecer a própria iniquidade e admitir que ela está arraigada no "coração", no próprio cerne da pessoa humana. Os "jejuns", os "prantos" e as "lamentações" (cf. *Jl* 2, 12) e cada expressão penitencial tem valor aos olhos de Deus, só se for sinal de corações sinceramente arrependidos. Também o Evangelho, tirado do "sermão da montanha", insiste sobre a exigência de praticar a própria "justiça" – esmola, oração e jejum – não diante dos homens, mas unicamente aos olhos de Deus, que "vê o segredo" (cf. *Mt* 6, 1-6.16-18). A verdadeira "recompensa" não é a admiração dos outros, mas a amizade com Deus e a graça que dela deriva, uma graça que confere paz e força de realizar o bem, de amar até quem não merece, de perdoar quem nos ofendeu.

A segunda leitura, o apelo de Paulo a deixar-se reconciliar com Deus (cf. *2 Cor* 5, 20), contém um dos célebres paradoxos paulinos, que remete toda a reflexão sobre a justiça ao mistério de Cristo. São Paulo escreve: "Aquele que não havia conhecido o pecado – ou seja, o seu Filho que se fez homem – Deus O fez pecado por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (*2 Cor* 5, 21). No Coração de Cristo, isto é, no âmago da sua Pessoa divino-humana, desenrolou-se de maneira decisiva e definitiva todo o drama da liberdade. Deus levou às extremas consequências o seu desígnio de salvação, permanecendo fiel ao seu amor, mesmo à custa de entregar o seu Filho unigénito à morte, e morte de Cruz. Como escrevi na [Mensagem quaresmal](#), "é aqui que se descerra a justiça divina, profundamente diferente da justiça humana... Graças à acção de Cristo, podemos entrar na justiça "maior", que é a do amor (cf. *Rm* 13, 8-10)".

Estimados irmãos e irmãs, a [Quaresma](#) amplia o nosso horizonte, orienta-nos para a vida eterna. Estamos em peregrinação nesta terra, "não temos aqui uma cidade permanente, mas vamos em busca da futura" (*Hb* 13, 14). A Quaresma faz compreender a relatividade dos bens desta terra e assim torna-nos capazes de fazer as renúncias necessárias, livres para realizar o bem. Abramos a terra à luz do Céu, à presença de Deus no meio de nós.

Amém!

© Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana